

A PROMESSA DOS IRMÃOS DARDENNE: OS CAMINHOS DA ATESTAÇÃO DE SI

Sabrina Ruggeri¹¹

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

Este trabalho pretende analisar o filme *A Promessa* (1996) dos premiados Irmãos Dardenne a partir de elementos da filosofia de Paul Ricoeur, em especial sua compreensão do fenômeno da *atestação*, através do qual a identidade pessoal é revestida de uma camada de segurança e confiabilidade quando se encontra com a alteridade pelo ato da promessa. O filme, através de mecanismos próprios à ficção e à arte, alarga imensamente o espaço da luta pela identidade pessoal, bem como dos próprios caminhos da *atestação* de um *si-mesmo*.

Palavras-chave

A Promessa; Irmãos Dardenne; *Atestação*; Identidade pessoal; Paul Ricoeur.

Abstract

This article intends to analyze the film *La Promesse* (1996) from the awarded Dardenne brothers within the framework of Paul Ricoeur's philosophy, specially his understanding of the phenomenon of *attestation*, by which the personal identity is lined with a layer of security and reliability when reaches otherness through the act of promise. The film, by the mechanisms that are proper to the fiction and art, expand immensely the space of the struggle for the personal identity, as well as the proper ways of *attestation* of a *Self*.

Key-words

La Promesse; Dardenne Brothers ; *Attestation*; Personal identity; Paul Ricoeur.

¹¹ Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sabrinarufrei@gmail.com.

Paul Ricoeur afirma por diversas vezes em sua obra célebre *O si-mesmo como um outro* (1991) que a ficção pode ser compreendida como uma espécie de laboratório onde o homem pode realizar variações imaginativas acerca da vida moral, isto é, que o homem pode exercitar sua capacidade de julgamento em situações conflituosas mediante a experiência estética. Nesse sentido, logo se revela o potencial originariamente ético que Ricoeur enxerga nas artes: o leitor (ou espectador, ou ouvinte... embora Ricoeur privilegie unicamente a literatura), quando põe de encontro o seu próprio mundo com o mundo da obra a que se detém, descobre a possibilidade de *refigurar* a sua própria vida, isto é, traz para si as experiências acompanhadas na narrativa da obra de arte. Na luta travada diante da obra, o homem pode tomar a iniciativa de por em causa sua própria identidade pessoal e assim encarar a jornada junto a essa obra como a possibilidade de um autêntico exercício de reflexividade, deixando que a ficção ensine a vida.

Ao lado da possibilidade do desenvolvimento da identidade pessoal, encontra-se o fenômeno da *atestação*, considerado por Ricoeur (1991) como o ato de *atestar* a si mesmo enquanto ser que age e sofre no mundo, através da partilha deste si-mesmo com os seus semelhantes. O processo envolvido nessa procura por um si-mesmo autêntico e as dificuldades de realizá-lo aparecem, para nós, profundamente desenvolvidos no filme *A Promessa* (1996) dos premiados diretores Jean-Pierre e Luc Dardenne – o roteiro também é assinado pelos irmãos e o filme se passa em Liège, na Bélgica. A narrativa se concentra no personagem Igor, um adolescente aprendiz de mecânico que vive com o pai, Roger, e o ajuda em sua fonte de renda: a exploração de imigrantes ilegais; logo no princípio da narrativa novos trabalhadores são aliciados por Roger e levados a trabalhar na construção de sua própria casa em troca de um aluguel mais baixo. É neste cenário rapidamente construído que a tensão é introduzida: na pressa por se esconder da fiscalização, o trabalhador Amidou sofre um grave acidente, no entanto somente Igor testemunha o fato e, diante daquele homem prestes a deixar o mundo, promete cuidar de sua esposa Assita e de seu filho Tiga. A partir deste ato a narrativa sofre uma reviravolta surpreendente, enquanto vê passar uma enxurrada conduzida pela obstinação de Igor em guardar sua promessa; a cada nova decisão, observamos os valores e as crenças de Igor, Roger e Assita se distanciarem num crescendo, acirrando o conflito, desde o princípio inevitável.

A primeira cena do filme nos é interessante por introduzir com eficiência os valores do personagem principal e funciona como um prelúdio do ambiente social no qual a narrativa terá chão: Igor rouba a carteira de uma senhora depois de atendê-la em seu trabalho, uma oficina mecânica, e ainda consegue fazê-la crer que poderia ter perdido seu pertence no estacionamento. A busca por esse tipo de ambientação se tornaria uma marca no projeto estético dos Irmãos Dardenne: a predileção pelas periferias e pela marginalidade, no intento de revelar a hostilidade de todo o corpo social. São os mecanismos de controle e exploração próprios a esta mesma sociedade que levam o personagem Igor a se encontrar com Assita, uma imigrante africana que chega à Bélgica com todas as suas crenças e comportamentos tão estranhos à nossa herança cultural europeia – o interesse de Igor nasce instantaneamente, despertado pelas suas roupas exóticas, pela crença em fantasmas, seus objetos religiosos, em suma: a narrativa nos permite acompanhar a sutil passagem de uma inicial curiosidade por esse outro do qual não consigo me aproximar, devido às distâncias linguísticas e culturais, ao despertar de um sentimento de respeito e fidelidade, sendo Igor aquele que pode constituir um si-mesmo e zelar pela sua manutenção. A alteridade que no princípio provoca curiosidade será aquela que logo adiante demandará o mais completo reconhecimento deste outro como um *semelhante* – dir-se-ia no âmbito da promessa: serei fiel à palavra declarada ao outro mesmo que não esteja ao meu alcance compreendê-lo.

O que está em jogo em *A Promessa* é a constituição da identidade pessoal do personagem Igor, e o filme nos mostra com propriedade que alcançá-la não é tarefa fácil e nem mesmo isenta de ônus, antes disso, trata-se de uma identidade que fragilmente se sustenta por um sutil equilíbrio entre dois polos do si-mesmo. Estes dois polos, no entender de Paul Ricoeur (1991), correspondem aos elementos de uma relação dialética que configura a constituição do si-mesmo: de um lado, o polo da mesmidade, responsável pela fração de imutabilidade do si e encarnada na figura do caráter; do lado oposto, o polo da ipseidade, onde a manutenção de si, descolada do suporte da mesmidade, dá-se por uma relação frontal com o Outro, por intermédio da *promessa*.

O polo da mesmidade para Ricoeur (1991, p. 144) tem a função de agregar as características de nosso caráter que não se alteram apesar da passagem do tempo e das pressões externas; no interior da modalidade do caráter se encontram

os *hábitos* adquiridos ao longo de uma vida, que podem ser até mesmo narrados, e as *disposições avaliativas* que levamos conosco a cada apreciação e julgamento do exterior, bem como as possíveis identificações que vamos construindo ao longo da vida. O caráter é definido por Ricoeur como o “conjunto das marcas distintivas que permitem reidentificar um indivíduo humano como o mesmo” (RICOEUR, 1991, p. 144), é em suma o lugar de fixação de uma perspectiva finita pela qual cada ser humano tem acesso ao mundo, a valores e ideias – é por fim o âmbito próprio da abertura de horizonte de cada um.

Além do hábito, a noção de *identificações adquiridas* para Ricoeur (1991, p. 147) também compõe o polo do caráter, e é inclusive responsável pela aproximação com o polo da manutenção de si: as identificações adquiridas correspondem a maneiras de se reconhecer e se identificar com coisas externas – valores e normas, histórias, identidades, *com* o outro ou *com* uma comunidade. Aqui, a identificação com a alteridade produz o passo seguinte rumo à polaridade *ipse*: essa ligação torna-se *fidelidade* no conjunto de uma vida, *atestando* o “poder confiar” de quem se identifica com ideais, com outras pessoas, etc; isto é, a modalidade das identificações adquiridas direciona a análise ao modo da manutenção de si pela eticidade que necessariamente a compõe.

Um importante papel é atribuído à modalidade de permanência no tempo específica da mesmidade: é ela que recobre o *ipse* (polo da ipseidade, o si-mesmo) no interior do polo *idem* (o eu, o mesmo), fazendo coincidir os hábitos adquiridos e o perfil de caráter com a identidade reflexiva, isto é, confundindo o *idem* e o *ipse*. O caráter *disjuntivo* da relação dialética mesmidade-ipseidade se revela igualmente no terreno da manutenção de si, do lado oposto: a identidade *ipse* mantém-se no tempo por um princípio diverso daquele do *idem*, é pela “palavra mantida na fidelidade à palavra dada” (RICOEUR, 1991, p. 148) que a ipseidade do si pode se manifestar livremente, distante do “suporte” da mesmidade. Ora, ser fiel à palavra dada a um amigo é perseverar na promessa e desta forma manter-se a si mesmo como aquele *quem* que possui tal identidade.

Como modalidade principal da manutenção de si no polo *ipse* encontramos a *promessa*, justificada eticamente pela relação de confiança entre os homens selada pela instituição da linguagem, “um desafio no tempo, uma denegação da mudança: apesar de tudo meu desejo mudaria, apesar de tudo eu mudaria de opinião, de inclinação, ‘eu manteria’” (RICOEUR, 1991, p. 149). Justificação ética que funda

uma modalidade de permanência no tempo oposta ao do caráter, separando os polos. A promessa inscreve a identidade pessoal na escala máxima da relação direta com a alteridade, firmando o laço com o Outro e o fazendo perdurar, concedendo esperança para aqueles que confiam.

A promessa, portanto, é a modalidade da linguagem que deve fomentar a manutenção de si diante do próximo, através da palavra considerada que deve sempre ser dirigida ao próximo; duração mediada pela instituição da linguagem e garantida pelo encontro direto com a alteridade, através da mútua confiança e do reconhecimento das capacidades de cada um – daquele que *conta* comigo, para quem declaro minha intenção de ser fiel. Com a promessa, dirigimo-nos necessariamente à esfera ética – o espaço privilegiado de encontro com o Outro, através do qual o polo da imutabilidade fica definitivamente para trás.

Podemos nos demorar um pouco mais na reflexão a respeito da promessa, ao lado de Paul Ricoeur, se pudermos enxergar em seu oposto uma oportunidade para pensá-la melhor, é o caso da *falsa promessa*. Ricoeur (1991, p. 311) invoca o princípio da dissimetria original entre o agente e o paciente para explicar de que maneira a promessa não cumprida pode ser um ato de violência: desde que tratar outra pessoa somente como um meio já é inscrever-se na esfera da violência, fazer uso da linguagem sem assegurar o respeito à alteridade do outro é também servir-se de uma figura do mal, a violência da palavra falsa. No enalço, Ricoeur pretende diferenciar a estrutura constitutiva da promessa e a sua correlata obrigação moral, isto é, separar aquilo que exatamente faz de uma palavra pronunciada uma promessa da *regra moral* que nos obriga a manter nossas promessas.

Para responder à constituição da obrigação moral da promessa, Ricoeur (1991, p. 311) irá chamar de “princípio de fidelidade” o princípio regulador da regra moral segundo a qual devemos guardar nossas promessas, porque devemos nossa palavra como verdadeira a quem *conta* conosco. É desta maneira que a promessa se inscreve numa estrutura dialógica, à medida que coloca frente a frente duas pessoas mediadas pela instituição da linguagem: uma que promete e a outra que recebe a palavra da primeira; no entanto, essa estrutura dialógica da promessa pode ser concebida inclusive sob o ponto de vista de uma estrutura plural que acrescentaria novas camadas de significação à promessa:

...pondo em jogo eventualmente uma testemunha diante da qual o envolvimento é tomado, depois, atrás dessa testemunha, a instituição da linguagem que nos empenhamos em salvaguardar, até a referência a algum

pacto social em nome do qual pode reinar, entre os membros da sociedade considerada, uma confiança mútua prévia a toda promessa (RICOEUR, 1991, p. 311).

Logo é fácil compreender de que maneira a obrigação moral de guardar promessas se conecta à manutenção de si, um mesmo esforço para preencher duas lacunas: enquanto me esforço para manter minha palavra diante daquele que confia em mim apesar das dificuldades tanto exteriores como interiores, meu esforço é também pela manutenção de um si-mesmo que me permita continuar existindo como aquele *quem* capaz de guardar promessas. Nesse sentido, a manutenção de si enquanto permanência no tempo oposta à do caráter recebe necessariamente uma significação moral, que por sua vez introduz a regra de reciprocidade, isto é, a tomada de um homem pelo outro como fim em si mesmo, assegurando a manifestação da alteridade concreta do outro em sua determinada situação: “A obrigação de se manter a si mesmo guardando suas promessas é ameaçada de condensar-se na dureza da simples *constância*, se ela não é irrigada pela resolução de corresponder a uma expectativa, até a uma reclamação vinda de outro” (RICOEUR, 1991, p. 312-313). É essa afecção pelo Outro que o polo *idem* da identidade pessoal não é capaz de suportar, razão mesma para que as duas polaridades convivam afastadas uma da outra, embora mantenham sua necessária relação dialética. No polo *ipse*, o Outro se encontra de alguma forma já interiorizado:

O princípio de fidelidade à palavra dada só faz desse modo aplicar a regra de reciprocidade à classe de ações em que a própria linguagem está em jogo como instituição regendo todas as formas da comunidade. Não manter essa promessa é, ao mesmo tempo, trair a expectativa do outro e a instituição que mediatiza a confiança mútua dos sujeitos falantes (RICOEUR, 1991, p. 314).

O papel da linguagem na filosofia de Ricoeur é mais que exaltado através da promessa: esta não somente proporciona a constituição mais autêntica do si em seu esforço para se manter fiel a si mesmo, como também revela o *fundo de ser* que permite ela própria – a palavra considerada; isto é, revela a linguagem como instituição suprema do reconhecimento e da confiança entre os homens. Sem a promessa, uma parcela crucial da constituição do si permaneceria adormecida – o justo exercício da capacidade plena de se manter fiel a si mesmo ao longo do tempo; sem a manutenção de si no ato da palavra, a *atestação* perderia seu caráter de fenômeno público, de afirmação de um si-mesmo compartilhado através das ações no mundo e reconhecido pelos seus semelhantes.

Após a apresentação da estrutura da promessa em Paul Ricoeur, retornamos ao acolhimento sem medida da alteridade levado a cabo pelo personagem Igor em *A Promessa*, quando se depara com a obrigação de cuidar de Assita e seu filho, apesar da enorme distância cultural entre os dois. Novamente, é por respeito à instituição da linguagem, enquanto aquela que me permite conviver com os demais seres falantes, que me torno obrigado a cumprir com o prometido, isto é, pela honra à palavra declarada torno-me capaz de abraçar este outro apesar do breu que possa estar entre nós. Deste outro não espero nada, não posso esperar pelo que me é inatingível: a promessa romperia assim com as barreiras sociais do preconceito e da discriminação no momento em que proporciona o mútuo respeito e fidelidade, mediados pela linguagem. Apesar de minhas crenças, apesar de minha ignorância a respeito do outro, cumprirei a palavra prometida porque desejo ser fiel também a mim, sujeito capaz de prometer e de guardar suas promessas, sujeito com o qual se pode *contar*. Eu, já um si-mesmo.

Logo entrevemos o manifestar de uma caracterização original concedida por Ricoeur ao fenômeno da *atestação*: o caráter *alético* ou *veritativo*, responsável pela possibilidade da *confiança* entre os homens desde que introduz um relevante caráter epistêmico ao *fenômeno* da atestação, elevando-a à modalidade de uma crença dóxica, localizada no nível da opinião, capaz de inaugurando o crédito e a confiança entre os homens. A certeza que a *atestação* é capaz de conferir ao sujeito é descrita como situada entre a certeza epistêmica do *Cogito* a partir de Descartes e a sua versão humilhada em Nietzsche. Nesse sentido, a *atestação* se oporia à tradicional noção de *episteme* pelo fato de não exigir uma verdade fundadora, mas antes apresentar-se como uma espécie de crença que se caracteriza pelo “eu creio em”, isto é, uma crença dóxica que se aproxima daquela *confiança* depositada sobre a palavra de quem testemunha.

Se a *atestação* se diferencia fortemente da versão cartesiana do *Cogito* exaltado pela recusa a uma verdade apodítica, com o *Cogito* de Nietzsche não é diferente: a *atestação* vai de encontro a qualquer ideia de desconfiança ou ilusão, inscrevendo-se justamente no terreno intersubjetivo das noções de crédito e *confiança*, iluminando seu caráter ético. Assim, a *atestação* vai reunindo fragmentos de um si-mesmo que se quer tanto dono de uma estima de si, como aquele com quem se pode *contar* porque se mostra capaz de cumprir suas promessas: “Se admitimos que a problemática do agir constitui a unidade analógica sob a qual

assemelham-se todas as nossas investigações, a *atestação* pode definir-se como a *segurança de ser si-mesmo agindo e sofrendo*” (RICOEUR, 1991, p. 35). A dimensão *alética* que Ricoeur confere à *atestação* vem justamente acrescentar ainda mais à força da alteridade na constituição mesma do si: “Como crédito sem garantia mas também como confiança mais forte que toda suspeita” (RICOEUR, 1991, p. 35), isto é, como um laço poderoso entre os homens e suas vidas capaz de vencer qualquer suspeita, o laço por excelência.

Além da relação de curiosidade de Igor por Assita, revelada desde o princípio da narrativa, também observamos sutilmente a forte ligação entre Igor e Roger – desde pequenos gestos de cumplicidade entre os dois, até o singelo presente recebido por Igor, um anel idêntico ao do pai. O desenrolar da narrativa permite que observemos o quanto Igor respeita o pai e em boa medida é também seu cúmplice, no entanto, essa proximidade entre os dois personagens não ganha espaço no filme por acaso: é exatamente a integridade dessa relação e o seu papel na constituição da própria identidade de Igor que sofrerão uma reviravolta. A partir do ato de discurso declarado por Igor que institui a obrigação moral de guardar a promessa, Roger é identificado com o papel do anti-herói na narrativa de *A Promessa*, aquele personagem responsável pelo principal obstáculo na luta de Igor pela manutenção de sua promessa.

A diferença de valores entre os personagens começa a aparecer logo após o acidente de Amidou: Igor tenta ajudá-lo estancando o sangue com a própria cinta, enquanto propõe ao pai que o levem a um hospital, podendo disfarçar alegando que o homem teria sido atropelado; Roger no entanto o censura e na ânsia por evitar problemas ao seu rentável negócio decide por esconder o corpo de Amidou. Igor neste momento não é capaz de enfrentar o pai e contrapor os valores de cada um, uma transformação faz-se necessária e mais que isso, a fundação de uma nova identidade que possa ser *atestada* diante do pai, no momento mesmo em que Igor rompe com este. A ligação familiar ainda é forte o suficiente para fazê-lo seguir os valores aparentemente impostos pelo pai; no entanto, conforme a narrativa avança e os esforços de Igor para manter a sua promessa precisam ser cada vez maiores, a ruptura com o pai se revela inevitável. A integridade necessária à sua identidade terá de passar pela renúncia aos valores do pai, seu desejo por independência terá de ser mais forte que a ligação afetiva – o maior conflito reside na destruição da figura paterna enquanto figura de poder e influência.

Podemos refletir sobre o grande conflito da narrativa de *A Promessa* tendo em mente a cena em que Igor abraça Assita depois de escondê-la do pai, certamente com medo da punição vindoura de Roger e angustiado pela dificuldade de manter sua promessa – mas o que estaria nos dizendo essa cena? Ela não estaria por acaso nos falando da trágica existência humana, lançada em sua facticidade e contingência moral? Igor era há pouco um menino, e agora deve escolher entre manter ou a sua palavra ou a fidelidade ao próprio pai. Assim como na tragédia grega *Édipo Rei*, o seu conflito também é diante da figura do pai, ligação que ele precisa destruir para ser capaz de perseguir a convicção de si que deseja, e assim transformar seus valores de maneira que possa ter independência para escolhê-los e decidir pela identidade que deseja assumir perante o mundo. A *Promessa*, em suma, parece nos falar da libertação da figura coerciva do pai ao mesmo tempo da conquista de consciência crítica e autonomia moral, no momento em que Igor reconhece que o pai está errado e que agiu mal durante todo o tempo, movimento iniciado pela obrigação de manter a promessa que reconhece como *sua*.

No terreno do simbólico, encontramos-nos com algumas marcas da transformação de Igor, como a decisão de vender o anel recebido do pai e o despojamento de sua motocicleta, uma transformação da identidade que acontece muito mais *fora* do que dentro – confirmando uma vez mais a tese da profunda dialética entre ipseidade e alteridade, segundo a qual o Outro não é acrescido de fora ao si, mas já reside em seu conteúdo de sentido, bem como em sua própria constituição ontológica. Podemos interpretar os objetos de Igor privilegiados em *A Promessa* como os símbolos de sua identidade anterior, onde Igor compartilhava com o pai o desejo de ascensão social, bem como a reputação entre os amigos adolescentes. Rompida esta identificação em algum lugar *dentro* do personagem, suas ações passam a manifestar de maneira autêntica sua nova identidade, ou mais que isso: sua transformação é a possibilidade mesma de atingir a autenticidade. Livre das amarras da identidade anterior, Igor pode experimentar a possibilidade de escolher *quem* deseja ser, segundo os atos que lhe parecem os melhores: entrevemos aquela necessidade de *expressar* ao meu semelhante a minha identidade, aquilo que me faz capaz de ser um si e de estar diante deste outro, pronto para ouvi-lo e com ele compartilhar o mundo.

O mais relevante para nós é que a constituição da identidade de Igor se dá unicamente através do agir, isto é, a atestação de si se dá *em ato*, longe de qualquer

cálculo pragmático que possa colocar a resolução da consciência em primeiro lugar; logo torna-se visível a ressonância do filme com a hermenêutica do si-mesmo de Paul Ricoeur: no interior da *atestação* ricoeuriana não há espaço para a consciência que deseja calcular previamente qual atitude tomar, seja de acordo com as ilusões que mantém de si, seja segundo os ganhos que pretende obter. A *promessa* revela sua profunda beleza neste mesmo caminho, pois é na vivacidade de cada momento conflituoso que as ações se desenrolam e levam consigo o destino de seus agentes: Igor não calcula os ganhos que pode obter na relação com o pai ou o modo mais simples de se desfazer do problema que é cuidar de Assita, seja quando foge com o carro do pai para impedi-lo de vender Assita como prostituta na Alemanha, seja quando recusa sua oferta e o mantém preso – seu desejo mais autêntico é cumprir com o prometido, mesmo que isso lhe custe romper com o pai.

É então assim que o filme revela de uma maneira instigante a dialética do interior-exterior nos caminhos da *atestação* de si: não acompanhamos uma narrativa do que acontece “dentro” do personagem, isto é, a *atestação* deixa de ser pensada como aquele fenômeno íntimo, localizado no interior de uma única consciência – prevalente na história da filosofia ocidental e de certa forma defendida na analítica existencial de Heidegger em *Ser e Tempo*. É justamente na medida em que as ações se delineiam e se constituem que o si-mesmo responde por seu nome, correspondendo: o *fora* reformula o *dentro*. É quando então podemos afirmar que a constituição da ação e a constituição do si-mesmo andam juntas – enquanto Igor age, tomando suas decisões a cada nova situação sempre de acordo com a fidelidade à palavra declarada a Amidou, *atesta* uma identidade que se configura neste mesmo ato, uma identidade que é nesse agir.

A centralidade conferida ao agir no interior do fenômeno da *atestação* reflete por sua vez a mesma posição central que o agir possui na própria filosofia de Ricoeur, desde que a sua obra célebre, *O si-mesmo como um outro* (1991), desenvolve-se como uma hermenêutica do si-mesmo que investiga as possibilidades de interpretação da identidade pessoal – o *quem* da ação, o *quem* da imputação moral, assim como aquele que narra, que julga, que busca o bem-viver com os demais nas instituições justas. Ao fim desta jornada fragmentada, Ricoeur (1991, p. 365) dedica seus esforços nos primeiros passos da construção de uma interpretação ontológica dos resultados alcançados por esta hermenêutica do si-mesmo, deste modo, seus caminhos apontam para uma ontologia que se quer plural, polissêmica,

que de fato corresponda a uma pluralidade que é própria à *atestação* do si-mesmo; por este motivo, é a *unidade analógica do agir* que integra e unifica os fragmentos dessa reconstituição do si-mesmo em torno de uma mesma temática.

Podemos imaginar o quão interessante seria mesmo para o próprio Igor olhar para trás e, acompanhando a trajetória de seus atos, dispor-se a procurar por um sentido para si mesmo através de uma narrativa acerca do vivido. Se Igor agiu por um propósito autêntico e fiel à sua promessa, podemos presumir que não teria calculado seus atos, nem desejado agir de acordo com alguma identidade já existente, pelo contrário: a sua nova identidade só pode ser encontrada de forma retroativa, após aquela explosão do agir e principalmente por intermédio de uma reflexão que o torne capaz de afirmar para si: “sou aquilo que fui enquanto agia”. Talvez o personagem tenha mesmo pecado em sua obstinação por guardar a promessa, aí residiria o caráter trágico de sua história: Igor não pôde buscar um equilíbrio entre os dois lados do conflito, saiu a contrapelo sem poder salvar a si mesmo, buscando a correlação além do que lhe seria cabível.

A sua identidade, por fim, não é uma coisa que lhe pertence de imediato, não é um objeto que ele deve salvaguardar e manter ao abrigo da hostilidade do mundo; ela é antes uma massa amorfa reconstruída a cada nova ação, resignificada a cada novo lançar de olhos – é o produto único que nasce de um homem em sua ânsia por bem viver com os seus semelhantes em instituições justas, dizemos com Ricoeur. Ética por excelência, a sua identidade assim *atestada* é recoberta por camadas de autenticidade que Heidegger jamais pensara em atingir; aqui, o homem é chamado a enfrentar o terreno pantanoso de suas ações desenroladas segundo o seu próprio juízo em cada situação particular, entregues à fortuna de um mundo cruel e por vezes maligno. Autêntica, porque a identidade pessoal desafia a própria razão, mostrando que o “fundo” está sempre mais aquém, não onde pensamos assentar o pé e estabelecer território, porque logo adiante seremos convocados pela vida a agir novamente de imediato e imprimir a nossa marca no mundo, irreversível. Antes que a consciência possa misturar suas ilusões acerca de si mesma com a própria constituição da *atestação*, o homem em seu ser capaz de agir *age* e põe tudo a perder – ou atestando o contrário do que a consciência quer acreditar sobre si, ou então reforçando um sentido que se constrói junto de si e *para si*, acima de tudo.

O fascínio de *A Promessa* está justamente nos muitos caminhos que esses atos tomam como que por uma lógica própria, carregando o herói da narrativa tragicamente ao seu destino, contudo não revelado. Nossa intuição deseja apontar para a maneira com que o próprio Igor se vê de repente enredado na vida daquela mulher desconhecida e no próprio caráter de vítima que o personagem incorpora: um menino que assiste à morte de um trabalhador explorado pelo seu próprio pai e que ouve seu último apelo. A *passividade* é uma das marcas da trama de *A Promessa*, já que Igor também *sofre* quando está presente no momento da morte de Amidou, *sofre* com a dificuldade de manter sua promessa, esta que não pôde em boa medida escolher – sua decisão consistiu unicamente em manter sua palavra, e o sofrimento veio ainda mais por meio das consequências que não o pouparam.

A *passividade* também é tema privilegiado na filosofia de Paul Ricoeur (1991, p. 383), responsável pela compreensão de que é por ser *afetado* pelo que lhe é diverso que o si-mesmo pode se desenvolver. As chamadas *experiências de passividade* são a maneira que Ricoeur elege para tematizar as diferentes modalidades em que o si é *afetado* pela alteridade e então convocado a por em ação a dialética própria da ipseidade-alteridade, onde cada polaridade é dependente uma da outra. O primeiro momento de passividade para Ricoeur (1991, p. 373), e portanto de alteridade, diz respeito à experiência do próprio corpo ou da *carne*, enquanto aquela que detém a função de mediação ente o si e o mundo; compreender esta modalidade de experiência corresponde a reconhecer que as pessoas são também corpos, isto é, pertencem ao reino das coisas no mundo ao mesmo tempo em que pertencem ao reino específico do si. A ontologia da *carne* traz a conclusão de que o ancoradouro do si no mundo fica sendo o seu próprio corpo, aquele com o qual em primeira instância o si aprende a se relacionar com um outro.

Ricoeur (1991, p. 373) ainda chama a atenção para um traço marcante acerca da fenomenologia da passividade: o *sofrimento* – à medida que o sofrer e o padecer revelam de maneira originária tanto a própria experiência de passividade como a correlação entre agir e sofrer, crucial para a filosofia ricoeuriana. Mesmo diante da identidade narrativa o sofrer é capaz de se manifestar em sua originariedade, é o caso da junção que a narrativa é capaz de fazer entre agentes e pacientes, revelando o quão inseparável é o agir do padecer; ou indo mais fundo, quando a narrativa aponta para casos tanto mais dissimulados do sofrer como delatores de nossa imensa fragilidade, dos quais Ricoeur (1991, p. 347) aponta a

incapacidade de narrar, a recusa de narrar e a insistência do inarrável. Dissimulado, porque não se trata de um sofrimento aparente que deixe sua marca de maneira visível, mas sim profundo ao ponto de ser difícil representá-lo, cortando junto com a possibilidade de narrar o próprio esforço, humano por excelência, de procurar por um significado para a própria vida, para a família ou a comunidade. Não ser capaz de narrar a própria vida, ou mesmo recusar-se a fazê-lo, constitui um imenso bloqueio para a construção da ipseidade, pela ausência daquela articulação singular do si num ato reflexivo: construo minha identidade reunindo um pouco de ficção refigurada, mais um tanto do que ouvi das narrativas de outros acerca de mim, e por fim aquilo que desejo crer acerca de mim mesmo. *Sofrimento* é sucumbir em meio às narrativas de um mundo afora e não ser capaz de me manter fiel a mim mesmo, ou mais que isso, é ver a diminuição do meu próprio poder de agir.

O segundo momento fenomenológico é a experiência da passividade diante da alteridade do outro, um outro que não é oposto ao si mas que participa de sua constituição própria. Ricoeur (1991, p. 383) logo anuncia que o si só se reconhece através das diversas maneiras com que é *afetado* pelo diverso de si, assim, a compreensão de si por si passa necessariamente pela experiência passiva diante do outro. Retomando brevemente, Ricoeur (1991, p. 384) identifica o modo do ser-afetado do si pelo diverso de si no terreno que vai desde a simples troca de palavras cotidianas, onde somos afetados pela palavra que nos é dirigida, até a própria imputação de uma ação.

Neste contexto, vale retomar a importância de sua *teoria narrativa* em relação com as artes: Ricoeur destaca o modo privilegiado no qual o sujeito que lê (ou como no nosso caso, o sujeito que assiste a um filme) é afetado pelo mundo da narração e de seus personagens, desenvolvidos ao mesmo tempo em que a narrativa, o que lhe confere a oportunidade de exercitar suas preferências e suas apreciações, retrabalhando sua ipseidade. Mais uma vez a ficção oferece “experiências de pensamento”, valiosas ao si que deseja ser afetado pelo que lhe é diverso: “O ser-afetado sobre o modo fictício incorpora-se assim ao ser-afetado do si sobre o modo ‘real’” (RICOEUR, 1991, p. 384), o que significa que novamente nos deparamos com a tese de que a narrativa sai da própria vida para ser levada ao trabalho configurador da ficção, ao término do qual finalmente retorna de encontro à vida, agora refigurada pela capacidade e abertura de cada leitor/espectador/ouvinte...

Atingimos assim o último momento de alteridade, aquele vivido na experiência passiva da própria consciência. A análise da consciência permite a Ricoeur (1991, p. 397) mostrar que a *atestação* da ipseidade é inseparável de um exercício da *suspeita*, pela qual o si viveria um conflito para se estabelecer; deste modo, a suspeita traria um “excedente de sentido” por conta da confusão situada na consciência entre ilusões acerca de si mesmo e o conteúdo propriamente verdadeiro da *atestação*. Ricoeur então faz uso da descrição do momento de alteridade da consciência segundo *Ser e Tempo* de Martin Heidegger, recuperando a metáfora da voz e do apelo, segundo a qual o fenômeno da *atestação* se dá por um apelo ouvido no interior da consciência que convocaria o homem a tornar-se autêntico. Deste modo, vivemos no interior de nossa própria consciência mais uma experiência de passividade, desde que somos *impostos* pela voz da consciência que nos interroga e nos impele a agir.

Por fim, acreditamos que podemos entrever um fundo político à narrativa de *A Promessa*, vendo como uma das questões suscitadas pelo filme, ainda que indiretamente, aquela da identidade pessoal na ocasião de um regime político de exceção, onde atestar a própria identidade pode se tornar um grande perigo. Através do princípio de que é pelos atos da pessoa que se pode reconhecer sua identidade autêntica, fica excluída a possibilidade de defesa daquele que é conivente com algum regime político através do artifício da obrigação; ou se participa do regime e desta forma se atesta uma identidade que é concordante com ele, ou se rejeita sua conduta, agindo de acordo com aquilo em que se acredita. É certo que a vida política é muito mais complexa e a violência do exercício do poder confere uma extrema dificuldade a quem deseja se manter fiel a si mesmo num estado de exceção, no entanto, mediante a *atestação* ricoeuriana, pode-se obter um critério de julgamento para estes casos onde a convicção e a falsidade costumam se embrenhar.

A respeito da última cena de *A Promessa*, podemos observar o fechamento de um ciclo, a última tarefa para fazer surgir a ipseidade de Igor: a *confissão* da morte de Amidou. Aqui, Igor é capaz de reencontrar-se consigo mesmo, é capaz de cumprir o caminho de volta ao si após a *atestação* e selar a sua identidade. A confissão da morte daquele que recebeu a promessa, por vezes adiada e mesmo negada, aproxima Igor do próprio caráter alético da *atestação*, fazendo brotar, mais uma vez, a confiança; no instante mesmo em que este se encontra com a verdade

de sua narrativa, com a verdade de seus projetos e de suas obrigações, Igor cumpre o retorno a si – está de novo em casa. Sem hesitar, segue lado a lado com Assita, certamente mais leve após a confissão e, principalmente, seguro de suas decisões e de seus atos – quanto a si mesmo, convicto.

REFERÊNCIAS

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. 1ª edição. Edição Campinas, SP: Editora da Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.

__ **Ensaaios e conferências**. 6ª edição. Petrópolis: Vozes, 2010.

LOPARIC, Zeljko. **Ética e finitude**. 2ª edição. São Paulo: Editora Escuta, 2004.

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como um outro**. 1ª edição. Campinas: Papirus, 1991.

__ **Percurso do reconhecimento**. 1ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

__ **Tempo e Narrativa**. 2ª edição. São Paulo: WMF Martins, 2010.

FICHA TÉCNICA FILME

La Promesse (1996)

Estréia França: 16 de outubro de 1996

94 min; Gênero drama.

Direção: Jean-Pierre e Luc Dardenne

Roteiro: Jean-Pierre e Luc Dardenne

Produção: Hassen Daldoul, Luc Dardenne e Claude Waringo

Elenco: Jérémie Renier, Olivier Gourmet e Assita Ouedraogo